

Uma tarde de trabalho, solidariedade e o melhor presente que um educador pode ganhar.

Joel Nolasco¹

Dois de junho de 2011. Um dia que devia passar sem grandes reflexões se não fossem dois fatos, no mínimo, dignos de uma pequena nota de rodapé. O primeiro, estou a menos de vinte e quatro horas de comemorar meus trinta anos, o que para muitos significa um momento especial, visto que seria neste que refletimos sobre o que fizemos, como fizemos e o que construímos de fato. O segundo, quinze garotos especiais, que cumpriram com sua missão, no dia de hoje, com uma dedicação que só o sentimento de solidariedade pode explicar.

O que as duas coisas tem entre si? Onde elas entram em comunhão?

Fazer trinta anos significa, talvez, viver quase metade de uma vida e, portanto, pensar se o que fizemos dela valeu a pena, para si e para os outros. Lembramos de alguns momentos especiais, com pessoas ainda mais importantes, entre as quais, algumas que já não se encontram entre nós. Porém, o que significa, de fato, perguntar se o que fizemos da vida ou na vida valeu a pena? Se foi o correto ou não? Para mim, isso tem um pêndulo ainda mais grave. Afinal, sou um educador e como tal tenho a responsabilidade, não só de ensinar os conteúdos de minha disciplina, mas de dá o exemplo, nos atos e nas palavras, ajudando, assim, a formar os jovens que serão nosso futuro. Aqui está, então, o ponto de encontro entre os dois primeiros fatos supracitados. Será que o que faço como pessoa e como profissional está dando frutos positivos à sociedade?

Pois deixo que um exemplo me console pelos momentos em que falhei. E solicito que me deixem contar os fatos de uma tarde trabalhosa e cansativa, mas gratificante (e me desculpem pela prolixidade):

Sáimos do Colégio Anchieta no início da tarde com uma missão importante, a de dedicar algumas horas a um Orfanato da cidade de Salvador. E não era para realizar uma oficina educativa ou de entretenimentos com os acolhidos, mas a de pegar no pesado, no significado literal do termo. Fomos para lá com o

¹ Professor de História do Primeiro Ano do Ensino Médio do Colégio Anchieta. Licenciado e Bacharel em História pela UFBA, especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Faculdade São Bento e Mestre em História Social pela UFBA.

objetivo de limpar e arrumar o Lar das Crianças. Pois é, para muitos deve estar soando estranho, afinal, o que estaria motivando jovens das camadas médias ou da elite de Salvador, que mal limpam ou arrumam os seus próprios quartos, dedicarem uma tarde inteira a realizar esses atos para os outros? Não me atrevo a responder com palavras, mas sim com o exemplo.

Quando chegamos ao Lar das Crianças encontramos um local com pessoas dedicadas e dispostas a trabalhar para o bem dos acolhidos, mas com os cômodos desarrumados, visto que vinte e seis crianças, entre quinze dias e dezesseis anos, podem fazer uma baita bagunça. Da mesma forma, encontramos dois cômodos que dedicaram especial trabalho: a pequena quadra do abrigo e os cômodos internos de um espaço ainda em construção, que tinham algumas toneladas de entulho, de restos de construção ou de móveis danificados. E posso garantir para vocês que esses espaços colocariam medo até mesmo em pessoas acostumadas com o trabalho pesado, mas não àqueles garotos.

Em parte, porque eles já haviam tomado algumas medidas preventivas no dia anterior. Eles haviam contratado um caminhão com dois trabalhadores, que deviam retirar o entulho dos cômodos em construção, o que já lhes tiravam um grande peso. Porém, e a quadra? E os quartos das crianças? E as próprias crianças? Em relação a essas obrigações eles tomaram a atitude de fazer com as próprias mãos. Logo vi as meninas irem para os quartos, arrumarem cada um dos guarda-roupas, das camas, dobrando as roupinhas dos(as) pequenos(as), colocando os brinquedos nos seus lugares, seja como enfeites ou em arrumadores, que eles, também, haviam comprado no dia anterior. Já os meninos foram para a quadra. Devia ter, pelo menos, uns sessenta metros quadrados, quase toda ocupada de roupas, livros, brinquedos, móveis, entre outros objetos, alguns já quebrados, outros em perfeito estado de uso. Perguntamo-nos se seria impossível arrumar tudo isso em quatro horas. Então, que, pelo menos, separemos o joio do trigo. Foi o que eles fizeram, começaram a vestir as luvas para ir retirando as coisas que não serviam e se possível guardar em caixas àquelas que estavam em perfeito estado.

E passaram a tarde toda fazendo isso? Não só. Um grupo de meninos, depois substituídos por meninas, encontrou três móveis de ferro, duas cadeiras e um sofá, que fora alguns pontos de ferrugem, estavam em perfeito estado. E o que fizeram? Eles já haviam, também, se precavido, comprando no dia anterior um quarto de tinta para ferro, então, pegaram as lixas e os pinceis e mãos à obra.

E eu nessa arrumação? Ocupava-me em organizar o trabalho, sempre preocupado em evitar que fizessem algo que colocasse a segurança deles em risco. Isso, para além de meter a mão na massa, pois havia alguns lugares precários no campo da hidráulica e da eletricidade. Peguei meu quite de

ferramentas, coloquei os ralos nos banheiros, apertei duas torneiras e fui para as tomadas, pensando que iria dá tempo, que nada, só uma instalação levou-me uma hora, entre cortar os fios e remontar o equipamento de TV.

E os meus queridos alunos? Estavam, ainda, trabalhando. Foi necessário, em alguns casos, que mandasse que parassem para um rápido momento para o lanche, não foi Fabiano? E, mesmo assim, não queriam parar, respondendo com o silêncio e a continuidade do trabalho, como se estivessem dizendo: se pararmos não daremos conta... Pois bem, paramos para um breve lanche e depois voltamos ao trabalho. Levanta isso, joga aquilo fora, arruma os livros em caixas e, de repente, nosso tempo se foi, eram cinco horas da tarde, vamos embora, dizia eu... E eles diziam: “não, temos que terminar”. Cinco e meia da tarde mandei convocá-los onde estivessem para irmos embora, mas, ainda, continuavam a trabalhar... Algumas garotas já estavam brincando com as crianças, outros meninos a retirar o que não servia da quadra e os carregadores a encher um caminhão inteiro, ao ponto de quase virá-lo. Dei a ordem para que parássemos, lamentando-me por não ter terminado a parte elétrica, na verdade, mal comecei. Não conseguimos retirar tudo o que não servia da quadra. Já o entulho das obras encontrava-se todo no caminhão. Os móveis de ferro estavam todos pintados e os quartos e demais cômodos arrumados.

Então, reunir todos, e eles me olharam como quem lamentava por não terem dado conta do trabalho, de suas obrigações com aqueles que precisavam de seu apoio. Agradei pela dedicação deles, disse-lhes que fizeram mais do que o possível, que eles tinham trabalhado como nunca e que aquelas crianças não iam se esquecer disso. Afinal, era impossível em menos de quatro horas arrumar todos os quartos, como fizeram, pintar os três móveis de ferro, como realizaram, retirar tudo que não servia daquela quadra, como tentaram e cumpriram em parte, para além de encomendar jogar o entulho fora, o que fora feito.

Foi quando vi uma das minhas alunas chorando e dizendo: “eu não quero ir, a menina está chorando porque estamos indo embora”, referindo-se a uma das acolhidas pelo Lar. “Poxa, eu sou tratada como uma princesa, tenho tudo, e elas? Nunca mais reclamo da minha vida”. Aquilo me comoveu. Dei-lhe um beijo na testa e disse: “Andressa, você já fez demais, agora precisamos ir, teremos outros momentos para ajudá-los”.

Coloquei-os dentro do ônibus escolar e mais uma vez agradei a eles pelo trabalho, bem como aos dois funcionários do Anchieta que nos acompanharam. E a resposta deles? Obrigado você Joel.

Pois bem, estou a poucas horas de fazer trinta anos e tenho, depois de hoje, a certeza de uma coisa: não é preciso mais perguntar se cumpro sempre com

minha missão de educador, sem ausências ou erros. E sabem por quê? Porque foram eles que dignificaram meu dia, transformando uma tarde de trabalho pesado em um momento mais do que gratificante, mostrando-me que existem jovens dedicados e dispostos a melhorar o mundo e para isso basta que alguém aponte o caminho, nada mais.

E podem ter certeza de uma coisa: **eles dão conta.**

Obrigado, meus queridos, alunos pelo presente que vocês me deram na véspera do meu aniversário. Vocês demonstraram o quanto são capazes de trabalhar para o bem comum. Demonstraram-me que a miséria dos excluídos não se mantém quando acreditamos na pessoa humana e nos nossos jovens... Eu não poderia receber presente melhor, nesta data, do que recuperar a crença definitiva em um futuro mais solidário...

Parabéns, pois, nesse caso, vocês foram os verdadeiros cidadãos que o Brasil precisa. E nunca esqueçam, não precisamos de napoleões no Brasil, mas, que vocês nunca percam o *senso* de solidariedade e responsabilidade social que têm. Porque são, sobretudo, desses dois sentimentos, e da prática deles, que precisamos para construir um futuro melhor...